

Em Matemática, os Alunos consideraram-se em ligeira vantagem no domínio dos saberes e dos métodos de trabalho e no empenho em ultrapassar as dificuldades. Na Área de Projecto, os Alunos consideraram-se um pouco superiores na criatividade e bastante na organização e na participação por iniciativa própria.

Se compararmos estas indicações com a de *participação*, em Matemática, ser a única negativa e com a de *organização*, na Área de Projecto, ser a única muito positiva, concluiria que estas duas disciplinas estão bastante afastadas no coração destes Alunos — apesar de o Professor ser o mesmo.

A concluir

Que posso eu desejar, aos que continuam!? Aos que começam?!

Aos que teorizam, concebem e planeiam centralmente as mudanças, desejo muito mais interacção com os que as implementam nas Escolas. É aqui que tudo se pode ganhar e tudo se pode perder.

Aos que organizam e gerem o trabalho nas Escolas, desejo muito maior confiança nas potencialidades da reflexão dos que aí estudam e trabalham. Com uma dose razoável, enquanto for estimulante, de recurso ao exterior.

Aos que tiverem a coragem de assumir esta ou outra revisão de currículos, ou não tiverem outra fortuna senão a de a aceitar, desejo que a coragem vos chegue para reflectir para além do imediata e profissionalmente necessário. Se não pensarmos um pouco o sistema, acabaremos por ser uma parte mecânica dele.

Pedro Esteves

Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?

(Síntese)

Podemos dizer que, de acordo com as respostas dos alunos, a avaliação longe de ser uma realidade tangível é muito mais uma representação resultante da experiência que cada aluno constrói no seu contexto escolar. Os alunos têm ideias muito próprias, mas também por vezes heterogéneas da avaliação que se vão transformando a par com a sua progressão na própria escolaridade. No 1º ciclo, as representações dos alunos parecem ser influenciadas pelo professor e nos ciclos seguintes pela cultura institucional. Embora a ideia de avaliação como controlo surja desde logo, é nestes últimos ciclos que as notas como valor transaccional para a progressão nos estudos está mais presente.

As ideias dos alunos sobre a avaliação incidem preferencialmente sobre três aspectos: (i) o processo e instrumentos de avaliação, (ii) a necessidade de estudar induzida pela avaliação e ainda (iii) os resultados da avaliação, as notas. Quanto aos instrumentos de avaliação, podemos notar que apesar dos alunos mencionarem formas diversas de avaliação, o teste nas suas diferentes modalidades, mais formal ou menos formal, é aquele que atravessa todos os níveis de escolaridade e parece ter um peso importante na produção de informação. É também interessante notar que é no 4º ano e no 11º que se verifica uma visão mais alargada dos instrumentos usados na avaliação, chegando mesmo no 11º ano a dizer-se que “tudo serve para a avaliação”.

A associação que diversos alunos fazem entre a avaliação e a necessidade de estudar, que se pode encontrar desde o 4º até ao 9º ano de escolaridade, passando também pelo 6º ano, leva-nos a questionar até que ponto o saber é valorizado pelos alunos como um bem em si mesmo, ou apenas cumpre a função de criar condições propícias para se ter boas notas. Até que ponto não há uma inersão de valores, isto é, não é a avaliação que está subordinada à lógica do aprender, mas o contrário, aprende-se ou pelo menos estuda-se, por causa da avaliação. A avaliação parece funcionar assim como uma motivação externa para aprender, que ocorre em momentos precisos, determinados pelos momentos formais de avaliação, e não como algo que está intimamente relacionado com os processos de aprendizagem que tomam lugar no trabalho quotidiano.

A avaliação identificada com o seu resultado, as notas, traduz uma representação da avaliação como um processo essencialmente orientado para um balanço final do desempenho dos alunos, traduzido ou não de uma forma quantitativa. Este balanço, independentemente do momento em que ocorre, é visto como o estado de um trabalho finalizado e não em curso.

As visões que os alunos têm da avaliação, e apesar das diferenças apontadas, têm um traço comum, o de terem características de uma avaliação essencialmente sumativa, isto é, mais preocupada com a revelação do estado dos alunos e menos com a regulação dos processos de aprendizagem. O seu carácter desligado do processo de aprendizagem, mas ao mesmo tempo visto como um momento de prestação de contas e, como tal, indutor eventual de preparação para essa mesma prestação, pode desenvolver nos alunos uma visão redutora e utilitarista da necessidade do conhecimento e do desenvolvimento de competências. Esta é uma problemática que deve merecer a nossa atenção: até que ponto a escola está ou não a contribuir para desenvolver nos alunos uma perspectiva face ao conhecimento e ao trabalho contraditória com aquilo que é a sua missão social?